**Eje temático N°:** 1- **Historia** agraria y agroindustrial.

**Título:Políticas públicas destinadas à pesquisa agropecuária e ao aperfeiçoamento técnico no meio rural de Santa Catarina nas primeiras décadas do século XX.**

**Eje temático 1- Historia** **agraria y agroindustrial.**

**TEIXEIRA DOS SANTOS, Manoel P.R.**

**Pertenencia Institucional:**

Universidade Federal de Santa Catarina - Brasil

Colégio de Aplicação/CED

Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (LABIMHA)

**Dirección de correo eletrônico:**

manoel.teixeira@ufsc.br ou manoelprt@hotmail.com

Na História do Brasil, as atividades agropecuárias foram consideradas, e de certa forma ainda continuam sendo, um dos alicerces da economia brasileira. Entretanto, é recorrente nas análises de diversos pesquisadores que, ao menos até a primeira metade do século XX, esta dependência da produção rural não significou que a agricultura e pecuária brasileira tenham sido marcadas por grandes investimentos no aperfeiçoamento das técnicas e de pesquisas no setor. Pelo contrário, uma de suas grandes marcas foi o uso de técnicas agrícolas consideradas rudimentares e de pouquíssimos incentivos à atividade. Apesar disso, no estado de Santa Catarina, onde o processo de colonização através de pequenas propriedades rurais contribuiu para uma configuração agrária muito particular em relação a outras regiões do Brasil, identificamos alguns incipientes projetos de modernização das práticas rurais por ações governamentais que interferiram nas condições ambientais. Entre as iniciativas do poder público, destacamos a fundação de estações agrícolas experimentais e postos zootécnicos em diferentes regiões do estado. Estas instituições promoviam a introdução e melhoramento de culturas agrícolas assim como o aperfeiçoamento genético das espécies animais através da aquisição de reprodutores e matrizes de qualidade reconhecida.

No Brasil, a criação de instituições de pesquisa públicas vinculadas às atividades agropecuárias só iniciou na segunda metade do século XIX, com a fundação de cinco imperiais Institutos de Agricultura através de decretos do Imperador D. Pedro II. Localizados na Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Sergipe e Rio Grande do Sul, esses institutos, criados entre 1859 e 1861, tiveram pouco resultados positivos.[[1]](#footnote-1)

Apesar deste insucesso, as iniciativas não pararam por aí, já que ainda antes do início do século XX foram criadas algumas outras importantes entidades de pesquisa agrícola. Em 1883, por exemplo, foi criada em Pelotas uma instituição de ensino de agricultura e veterinária que posteriormente deu origem à Escola de Agronomia Eliseu Maciel. Ao lado desta, por iniciativa do então Ministro da Agricultura, Conselheiro Antônio da Silva Prado, foi fundada em 1885 a Imperial Estação Agronômica de Campinas, transformada, posteriormente, em Instituto Agronômico de Campinas.[[2]](#footnote-2)

 Na Europa as inovações científicas ganhavam força ao longo do século XIX e eram impulsionadas pelo crescente desenvolvimento industrial. Em meados do séc. XIX, a participação da Alemanha neste contexto passa a ganhar cada vez mais importância. “A Alemanha passou a produzir cientistas bem treinados, manuais e aparelhos para suprir não só as suas necessidades, mas, outras para muito além de suas fronteiras”.[[3]](#footnote-3)

Ao final do séc. XIX, a Alemanha já figurava como a grande potência do mundo científico. Este domínio era representado pelo seu grande número de universidades, escolas técnicas superiores, e pela diversificada produção de revistas e manuais.[[4]](#footnote-4) A vanguarda alemã também era percebida nas pesquisas agrícolas. Sua peculiar estrutura organizacional era formada por estações experimentais financiadas pelo Estado. “Nesse contexto, a primeira instituição de pesquisa agrícola sustentada pelo governo foi estabelecida na Alemanha, e não na Grã-Bretanha. Era uma estação experimental em Möckern, na Saxônia, criada em 1852 com o objetivo de buscar soluções científicas para os problemas agrícolas das províncias alemãs”.[[5]](#footnote-5)

“O sistema alemão de pesquisa passou a ser constituído por faculdades e pelas estações experimentais baseadas no modelo de Möckern, que tinham por características não executar a tarefa de ensino e eram apoiadas por organizações de fazendeiros e câmaras de Agricultores”.[[6]](#footnote-6)

Esse modelo também foi adotado no Brasil ao final do século XIX. Nestes moldes, em 1895 foi criada em Blumenau, no núcleo colonial de Rio dos Cedros, a primeira Estação Agronômica e de Veterinária de Santa Catarina. De acordo com Lucy Woellner dos Santos, “isto ocorreu, presumivelmente, pela influência do Dr. Hermann Blumenau, diretor da Colônia Blumenau, e que pertencia a uma elite cultural na Alemanha, país que liderava a organização científica na época. Mesmo depois de vir para o Brasil, o Dr. Blumenau mantinha frequentes contatos com os meios intelectuais alemães, trazendo para a Colônia as inovações correntes na Europa. Essas influências podem ter sido reforçadas pela comprovada visão tecnocrática do governador Hercílio Luz, que também tinha formação acadêmica na Europa”.[[7]](#footnote-7)

Dr. Blumenau teve durante o período em que permaneceu na Colônia, uma preocupação constante em introduzir novas técnicas e culturas. Sua disposição em absorver novas tecnologias pode ser comprovada pela introdução, em 1851, do primeiro arado de Santa Catarina, mas que não podia ser usado ainda, pelos motivos anteriormente expostos.

 Mesmo após o seu retorno à Alemanha, por carta a seu procurador no Brasil, em 1892, demonstrava insatisfação com o abandono da implantação de uma estação experimental em terras destinadas a este fim. Esta disposição demonstra que, mesmo à distância, ele acompanhava o que transcorria na antiga Colônia Blumenau, e tinha interesse e preocupação com o seu desenvolvimento agrícola baseado no conhecimento científico.[[8]](#footnote-8)

Hermann Blumenau estava frustrado com a falta de motivação dos colonos blumenauenses para o projeto da estação experimental. Lamentava também a diminuição do espaço para artigos agrícolas na imprensa local, reforçando a necessidade de divulgação das inovações nos métodos de cultivo.[[9]](#footnote-9) Para ele, esta estação deveria *não só dedicar-se a pesquisas científicas mas igualmente elaborar objetivos práticos e necessários para a região, como por exemplo impulsionar as plantações, fazer experiências neste sentido e fazer com que os moradores tomem conhecimento com novos métodos para eles ainda desconhecidos*.[[10]](#footnote-10)

Dr. Blumenau também registrou sua grande insatisfação com o desinteresse dos colonos em aprender novos métodos. Na mesma correspondência ele relata uma dessas experiências.

Até homens como Peter Wager e Peter Lucas, meus vizinhos mais próximos e aos quais estava ligado por laços de amizade, **riam de mim e sacudiam a cabeça por causa de minhas tolices inovadoras**. Quando nos anos 1850 eu **mandei vir um par de arados, pás, etc. não queriam nem emprestados gratuitamente para experiência**, por esta razão lamento profundamente que, em interesse para os próprios blumenauenses, a estação experimental não venha a se concretizar.[[11]](#footnote-11)

Esta crítica do Dr. Blumenau aos imigrantes e seu desinteresse pelas inovações se contrapõe a imagem dos imigrantes como símbolo do progresso frequentemente propagada pela literatura. Este quadro retratado pelo ex-diretor foi marcado da História do Brasil como atitude típica dos caboclos, vistos como preguiçosos e avessos ao trabalho e as modernidades.

Como já mencionamos, na mesma Blumenau, distrito de Rio dos Cedros foi criada em 1895 uma Escola Agronômica. No desenvolvimento das atividades de pesquisa realizadas por esta Estação Experimental, o nome de Giovanni Rossi ganha destaque. Este agrônomo italiano foi o seu diretor e responsável do ano de sua fundação até 1907. As preocupações de Giovanni Rossi com a introdução de técnicas inovadoras e com a publicação e divulgação de recomendações e orientações aos agricultores e sua atuação está registrada pela publicação de inúmeros artigos e por seus relatórios anuais.

As atenções desta estação estavam concentradas em sua maior parte a pesquisas sobre a cultura do fumo, no entanto, merece destaque nos relatórios de Rossi, as referências ao número e a diversidade de culturas com que a Estação trabalhava. Como exemplo da diversificação de produtos, o Relatório de 1903 destaca as culturas do trigo, milho, arroz, videira, oliveira, maçã, pera, pêssego, ameixa, caqui, marmelo, e diversas outras espécies frutíferas, além de trabalhos com forrageiras, maniçoba, apicultura e a distribuição de sementes e mudas.[[12]](#footnote-12)

 Em 1900, em razão das comemorações do cinquentenário da colônia Blumenau, Rossi escreveu um artigo onde considerava que os implementos agrícolas utilizados em Blumenau, ainda eram muito rudimentares, mas correspondiam às necessidades da indústria da época, preparados pelas ferrarias “das nossas valadas”. Nos montes usava-se a foice e a enxada, enquanto nas planícies destocadas, dominava o arado, a capinadeira, a semeadeira mecânica e as enxadas puxadas por tração animal. A única máquina difundida e fabricada na colônia, era a máquina de picar cana e outras forragens, utilizada no preparo da ração animal.[[13]](#footnote-13)

 Como tratava-se de uma instituição estadual, as condições da Estação Agronômica eram registradas anualmente nos relatórios enviados a Assembleia legislativa pelos governadores. Em 1900, o então governador, Dr. Felippe Schmidt, destacava os bons resultados da Estação, a importância deste tipo de estabelecimento e também reforçava a necessidade de atendimento as demais regiões do estado com criação de outras estações de caráter prático para o desenvolvimento da lavoura catarinense.

Vão adiantados os trabalhos desse estabelecimento agrícola, cujos resultados não podem de prompto surgir. Entretanto, vae já a escola chamando a attenção dos lavradores, que começam a procura-la para ahi receberem praticamente as lições que mais tarde de grande proveito lhes serão, applicadas ás suas lavouras. Actualmente apenas existe no Estado a Escola Agronomica e de Veterinaria estabelecida em Blumenau, na qual já se têm feito estudos sobre agricultura e ensaios de culturas, achando-se o edifícios em via quase de conclusão na Encruzilhada do Cedro. Seria de grande vantagem que uma outra estação fosse creada n’um dos pontos da parte sul do Estado ou na região serrana, onde os lavradores pudessem ir *de visu* aprender os modernos processos de cultura e assim facilitar o trabalho agrícola e argumentar-lhe os resultados.[[14]](#footnote-14)

Assim como acontece até hoje com as instituições de pesquisa e extensão, uma das reclamações mais frequentes era a falta de recursos. Esta situação era percebida pelo próprio governador.

Em documento que foi presente a este Congresso, no anno passado consignei a necessidade que havia em dotar o Estado com mais uma instituição congênere, ao sul ou na região serrana, necessidade sobre a qual agora não ínsito em virtude da nossa pouco ligeira situação financeira, lembrando, porém que a escola de Blumenau fosse contemplada com uma pequena elevação na verba consignada para a sua manutenção. Não seria improductivo da dotação pelas vantagens reaes que d’ahi adviriam, impulsionando esse estabelecimento, que já vae dando sensíveis resultados.[[15]](#footnote-15)

As dificuldades financeiras para instalação de mais uma Estação no estado, passaram a estimular o governo do Estado a transferir a Estação de Blumenau para uma região mais central do Estado. Em 1904, o então vice-governador Vidal Ramos Junior apontou as vantagens da mudança para os arredores da capital.

É inadiavel a mudança da Estagio Agronomica de Blumenau para ponto mais conveniente, nos arredores desta Capital. A experiencia tem demonstrado que no logar onde esta collocada, não poderá satisfazer os fins para que foi creada. Feita a transferencia, o actual estabelecimento poderá continuar como campo de demonstração, para servir o Norte do Estado, devendo crear-se mais dous, um no Sul e outro na Região Serrana. Este assumpto parece-me assás digno de vossa attenção, pois as providencias que lembro muito poderão contribuir para o incremento da nossa agricultura.[[16]](#footnote-16)

A dita Estação Agronômica, permaneceu em Blumenau até setembro de 1904, quando foi transferida para São José. Mais uma vez, o Sr. Vidal Ramos Junior reforçava os benefícios da mudança.

Em virtude de auctorisação contida na Lei n.642, de 14 de setembro de 1904, foi trasnferida de Blumenau para o arrayal do Estreito, no visinho município de S. José, a Estação Agronômica.

Foram aproveitados, para sua installação o edifício e os terrenos da antiga hospedaria de immigrantes.

Estou convencido de que a escolha d’esta situação foi a melhor possível, não só porque a proximidade em que fica da capital permitte ao Governo aproveitar melhor para a propaganda agrícola, a actividade do director do estabelecimento, o dr. Giovanni Rossi, como também por ficar accessível a uma extensa zona em que a nossa lavoura mais precisa de estímulo e ensinamento.

Os terrenos de que dispõe actualmente a Estação são insufficientes, e, por isso, o Governo trata de adquirir outros que lhe ficam anexos.[[17]](#footnote-17)

 Apesar da transferência da Estação Agronômica de Blumenau para os arredores da capital, vale destacar que o primeiro estabelecimento deste tipo foi instalado no vale do Itajaí e lá permaneceu por quase dez anos. Mesmo após a saída da Estação, o estabelecimento foi transformado em Campo de Demonstração e passou a ser administrado pela Sociedade Agrícola de Rio dos Cedros sob a supervisão da Superintendência do Município de Blumenau. É difícil mensurar os resultados efetivos das ações da Estação e de seu diretor Giovanni Rossi para a transformação das práticas rurais na região, mas, por outro lado, este tipo de interferência não pode ser desprezível. O crescimento da produção de fumo e arroz em núcleos de colonização predominantemente italiana pode estar vinculado parcialmente à atuação da dita estação.

 Outra ação interessante do poder público estadual no sentido de aprimoramento das práticas rurais no estado foi a organização de um **ensino agronômico ambulante**. Alguns professores eram contratados para visitar diversas comunidades agrícolas do estado com objetivo de transmitir novas técnicas de plantio e fabricação e auxiliar na introdução de novas espécies. Em 1912, o governador Vidal Ramos noticiou o sucesso da atuação destes instrutores justamente nas regiões coloniais. Segundo ele, *o ensino agronomico ambulante foi ministrado por cinco professores, sendo dous de lacticínios, um especialista em fumo e um sem especialidade immediata. Esses professores têm prestado execellentes serviços.[[18]](#footnote-18)*

 Como analisamos no capítulo anterior, o plantio de fumo e fabricação de seus derivados era uma das principais atividades econômicas das regiões coloniais de Blumenau. Esta atividade esteve presente desde o início da colônia, mas ganhou muito força a partir dos anos 1870 com a chegada dos colonos de origem italiana. Sobre a atuação dos instrutores nesta atividade Vidal Ramos relatou:

O professor especialista em plantio e fabrico de fumo tem percorrido as regiões de Jaraguá, Cedro, Timbó, Ascurra, Pomerania e outras dos municípios de Joinville e Blumenau, onde os colonos se dedicam a essa cultura, levando a cada um, em suas próprias plantações, as instruções mais racionais e práticas para o seu melhoramento, visitando também as fábricas, onde procura instruir os fabricantes, quanto á classificação e preparo das folhas e fabrico dos charutos.

Os cultivadores de fumo têm acolhido com grande interesse as instruções e conselhos do professor, o que faz acreditar no rápido aperfeiçoamento desse produto da nossa lavoura.[[19]](#footnote-19)

Os dados estatísticos analisados anteriormente também os produtos de origem animal eram a base fundamental da economia de Blumenau no início do século XX. A manteiga, por exemplo, figurava frequentemente como o principal produto da antiga colônia. No mercado nacional, a principal concorrente da manteiga blumenauense era a produzida em Minas Gerais, considerada de maior qualidade. Neste sentido, os instrutores ambulantes financiados pelos governos estadual também buscavam aperfeiçoar a fabricação deste valioso produto para região e, por sua vez, estimular ainda mais a pecuária leiteira em Blumenau. Vidal Ramos assim relatou:

Os especialistas em lacticínios têm se esforçado por modificar os processos empregados no fabrico do queijo e da manteiga nos municípios de Blumenau, Joinville e Itajahy (Luiz Alves).

Actualmente auxiliam a fundação de uma fábrica modelo no lugar Jaraguá.

Os processos de fabrico empregados por esta fábrica e pela que foi fundada ultimamamente em Blumenau, vêm eliminar completamente as causas da depreciação dos productos de lacticínios, porquanto os productores não trarão mais a manteiga preparada em dias consecutivos, para serem refundidas na fábrica, mas, constituindo-se clientes desta, fornecerão a nata, em vez da manteiga, recebendo do industrial as desnatadeiras necessárias.

É o systema europeu, tão preconizado, que virá dar melhor cotação a esse importante producto, actualmente depreciado pelas condições inferiores de fabrico.[[20]](#footnote-20)

As preocupações com o desenvolvimento das atividades ligadas a produção de gêneros de origem animal tornavam-se cada vez mais frequente nos primeiros anos do século XX. As sociedades de agricultores, sindicatos e os poderes públicos municipal e estadual investiam na aquisição de reprodutores de raça para o melhoramento genético das espécies criadas.

***Criação de gado em Blumenau no início do século XX***



Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Os relatórios municipais de Blumenau registram a existência de um posto zootécnico na região entre 1908[[21]](#footnote-21) e 1911. O estabelecimento tinha função de auxiliar os criadores de animais na qualificação de seu plantel. Eram adquiridos, principalmente, reprodutores e matrizes de suínos e bovinos, justamente a origem dos dois principais produtos de Blumenau: a manteiga e a banha. Através dos documentos pesquisados é possível identificar algumas das principais raças importadas da Europa para composição do posto zootécnico. A atuação deste estabelecimento foi assim relatada em 1908:

O nosso posto zootechnico continuava no anno passado a desenvolver-se, como sempre, visivelmente. Foram de novo importados mais um touro da raça de Allgaeu, um varrão da raça Berkshire e outro da raça Cornwall. O touro de Allgaeu, introduzido no anno passado, acclimou perfeitamente bem, de modo que se podia estacionar, para os fins de reproducção, nos lugares mais longínquos do município, como sejam por exemplo Pommeroda e Tiimbo. Porém não se me poupava a experiência de que não há ninguém que goste de ficar com tal animal por muito tempo, porque do bom e competente trato provem innumeráveis incommodações e trabalhos. O touro de Allgaeu, recentemente importado, que se acha actualmente, estacionado no posto, tinha muito que soffre em conseqüência do mau tempo deste anno, calor excessivo ao lado de chuvas permanentes; mas aqui a pouco terá passado as dificuldades de acclimatação.

Observa-se que os animais adquiridos pelo posto eram cedidos aos criadores como estratégia de beneficiamento genético e qualificação da produção do município. Os produtores diretamente envolvidos com a criação de gado e produção de lacticínios também enviavam sugestões de animais a serem adquiridos pelo posto.

Varios lavradores desejam que além da raça da Allgaeu também seja introduzida a da Hollanda. Ainda às vezes dirigem-se a esta superintendência reclamações e requerimentos, pedindo que no posto zootechnico anualmente se criem bastante numero de novilhos e novilhas, para serem distribuídos nos districtos mais distantes do município. Estes dous desejos não são realizáveis, senão quando o governo do estado conceder uma subvenção considerável ao posto zootechnico, pois, a somma de que se dispunha até aqui somente chegava a manter o posto zootechnico na altura actual, aplicando-se a maior possível economia. Além disso cumpre ponderar que, desde a existência do postos zootechnico, os animais de reproducção foram introduzidos à custa dos mesquinhos recursos de que nos mesmos dispúnhamos, visto que como o governo federal, há annos, e apezar de requerimentos repetidamente apresentados, nada restituiu das despezas que o mesmo governo havia de pagar conforme o determinado pelas leis orçamentárias, abrindo uma só excepção quanto às despezas pelo garanhão as quaes foram restituídas no anno passado. Tal subvenção, em maior ou menor escala, concedida pelo governo do estado, recommenda-se também pela circumstancia de que no anno passado vários agricultores, moradores em outros municípios, aproveitam-se dos serviços do posto zootechnico, cuja direcção enviou a pedidos animaes nomeadamente para Brusque e Joinville, uma e outra vez também para Itajahy, Desterro e região serrana.[[22]](#footnote-22)

***Criação de gado leiteiro da raça holandesa em Blumenau no início do século XX***



Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Os elevados custos para manutenção do posto zootechnico e a carência de investimentos relatada no trecho anterior acabaram levando o fechamento deste estabelecimento em 1911[[23]](#footnote-23). Eram frequentes os questionamentos dos poderes público estadual e municipal com a falta de apoio do Ministério da Agricultura com as atividades agropecuárias em Santa Catarina. Neste caso, vale lembrar que no período mencionado o café era o principal produto brasileiro e o poder político brasileiro estava nas mãos dos próprios cafeicultores.

Em 1912, portanto logo após o fechamento do Posto Zootécnico de Blumenau, a região foi atingida por uma grave epizzotia que durou aproximadamente dez anos. Esta doença atingiu principalmente os bovinos e determinou graves prejuízos a produção de lacticínios na região. Existem alguns indícios[[24]](#footnote-24) de que esta epizootia tratava-se da popular *febre aftosa* que ainda hoje é uma preocupação dos criadores de bovinos no Brasil. Os relatórios municipais e estaduais dedicavam anualmente algumas páginas para relatar as iniciativas tomadas para controlar o mal que assolava as criações de Blumenau e de outras regiões de Santa Catarina. Vejamos o que dizia o relatório Municipal de 1916 sobre os prejuízos causados pela doença:

Durante os 4 annos passados os criadores e lavradores desta zona tem sofrido graves prejuízos causados pela epizootia. A estatística da mortandade do gado mostra uma perda de 15% das vaccas leiteiras e novilhas existentes no município, facto este que levou muitos criadores a venderem seu gado por preços baixos para fora do Município, procurando desta maneira evitar maiores prejuízos. Pela falta de vaccas leiteiras as receitas provenientes da venda de leite e manteiga foram reduzidas consideravelmente; vindo alguns criadores que perderam todo o seu gado, a ficarem sem rendimento algum.[[25]](#footnote-25)

 A solução para problemas como estes da epizzotia que atingiu Santa Catarina no início do século XX era, geralmente, lenta e na maior parte dos casos o problema era resolvido apenas temporariamente. Ao registrarmos a interferência ou mesmo a preocupação do poder público com a solução de problemas que atingiam diretamente os pequenos produtores catarinenses, aponta para um aumento da preocupação do estado com o desenvolvimento da atividade rural no estado.

Com o passar dos anos, outras estações agronômicas, campos de demonstração, postos zootécnicos foram fundados no vale do Itajaí. Entre estes destacamos o Posto Agropecuário na localidade de Rio Morto, no então distrito de Indaial, criado em 1927 por iniciativa do Sindicato Agrícola de Blumenau. Alguns investimentos em instrução agrícola, através da fundação de escolas e mesmo da atuação do ensino ambulante foram aos poucos ganhando maior espaço. No entanto, foi apenas a partir de meados do século XX que a extensão rural consolidou-se no Brasil e em Santa Catarina.

As mudanças na política nacional ocorridas na década de 1950 foram, em parte, fruto da criação do Escritório Técnico de Agricultura (ETA), com sede no Rio de Janeiro, visando promover o desenvolvimento agropecuário brasileiro. Em Santa Catarina, o ETA deu origem à Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina (ACARESC), e, segundo Glauco Olinger, esta “instituição foi responsável por algumas das principais mudanças ocorridas na política agrária catarinense, na segunda metade do século XX, e, consequentemente, na produção agropecuária e na vida das famílias rurais”.[[26]](#footnote-26)

 Portanto, se a modernização das práticas rurais estava longe de atingir os objetivos traçados pelos promotores da imigração, não podemos descartar algumas ações importantes neste sentido. As associações e sindicatos de agricultores, as exposições agrícolas, os estabelecimentos técnico-científicos e outras ações públicas e privadas, certamente, deixaram alguma parcela de contribuição nos modelos e práticas rurais adotadas pelos colonos do vale do Itajaí.[[27]](#footnote-27)

**Referências Bibliográficas**

ALVES, Débora Bendocchi. Notícias de Blumenau: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turíngia*.* Correspondência. **Blumenau em cadernos**. Tomo XLI – n.11/12, 2000.

BOSERUP, Ester. **Evolução Agrária e Pressão Demográfica**. Estudos Rurais. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Polis, 1987.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Agricultura, Escravidão e Capitalismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo, a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FERRAZ, Paulo Malta. **Como viviam os primeiros colonos**. In: *Centenário de Blumenau 1850 -2 de setembro - 1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950.

KEITH, Thomas. **O Homem e o Meio Natural**. São Paulo Companhia das Letras, 2001.

KLUG, João. **Propostas para a agricultura no início do Império: um estudo comparativo entre as ideias de Friedrich von Weech e Carlos Augusto Taunay***.* In: *História: Debates s e Tendências* / Universidade de Passo Fundo, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas., Programa de Pós-Graduação em História. – Vol. 1, n.1, (junho, 2009).

LAGO, Paulo Fernado. **Gente da Terra Catarinense – Desenvolvimento e Educação Ambiental**. Florianópolis: Ed. Da UFSC/FCC Edições /Ed. Lunardelli/UDESC, 1988.

LINHARES, Maria Yedda. *História Agrária*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ e SILVA, Francisco Carlos Teixeira. **A história da agricultura brasileira: debates e controvérsias.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

MAZOYER, Marcel e ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no Mundo: do neolítico à crise contemporânea***.* (Tradução de Claudia F. Falluh Balduíno Ferreira). – São Paulo: Editora da UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

OLINGER, Glauco. **O desenvolvimento agrícola**. In: *A realidade Catarinense no Século XX*. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2001.

PESSANHA NEVES, Delma. **A agricultura familiar e o Claudicante Quadro Institucional**. In: LOPES, S. A.; MOTA, D. M. Da; MAGNO DA SILVA, T.E. (Org.). *Ensaios: desenvolvimento e transformação na agricultura*. EMBRAPA, 2002. ROSSI, Giovanni. Agricultura. Síntese e tradução Pe Victor Vicenzi. **Blumenau em Cadernos**. Tomo XVII. n° 11-12, 1977.

SANTOS, Lucy Woellner dos. **Estação Agronômica do Estado (1895-1920): Uma Abordagem histórica sobre o inicio da pesquisa agrícola em Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1998.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e Cultura no Brasil***.* Brasília: Editora da UNB, 1990.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração Colonização e Estrutura Agrária**. In: WOORTMANN, Ellen F. (Org.). *Significados da Terra.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

SILVA, José Ferreira da Sila. **História de Blumenau**. Editora Empreendimentos Educacionais Ltda. Florianópolis, 1972.

WOORTAMNN, Ellen F (Org.). *Significados da Terra*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

ZARTH, Paulo Afonso. **Do Arcaico ao Moderno: o Rio Grande do Sul Agrário do século XIX**. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

1. *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1868.* p. 30.Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<http://www.crl.edu/content.asp>> Acesso em 5 de novembro de 2010. p.46. [↑](#footnote-ref-1)
2. *RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DE 1868.* p. 30.Brazilian digitization Homepage. Disponível em: <<http://www.crl.edu/content.asp>> Acesso em 5 de novembro de 2010. p.47/48. [↑](#footnote-ref-2)
3. BERNAL. apud SANTOS, Lucy Woellmer dos. **Estação Agronômica de Veterinária do Estado. (1895-1920): uma abordagem histórica sobre o início da pesquisa agrícola em Santa Catarina.** Florianóplis, Editora da UFSC, 1998. p. 33. [↑](#footnote-ref-3)
4. Idem. p. 34. [↑](#footnote-ref-4)
5. Idem. p. 38. [↑](#footnote-ref-5)
6. RUTTAN. apud SANTOS, Lucy Woellmer dos. **Estação Agronômica de Veterinária do Estado. (1895-1920): uma abordagem histórica sobre o início da pesquisa agrícola em Santa Catarina.** Florianóplis, Editora da UFSC, 1998. p. 39. [↑](#footnote-ref-6)
7. SANTOS, Lucy Woellner dos. **Estação Agronômica do Estado (1895-1920): Uma Abordagem histórica sobre o inicio da pesquisa agrícola em Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1998. p. 155-156. [↑](#footnote-ref-7)
8. Idem. p. 85. [↑](#footnote-ref-8)
9. ALVES, Débora Bendocchi. Notícias de Blumenau: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turíngia*.* Correspondência. **Blumenau em cadernos**. Tomo XLI – n.11/12, 2000. p114-116. [↑](#footnote-ref-9)
10. Culturverein: Dados e informações fornecidas pelo Dr. Blumenau intitulado “PONTA AGUDA” na qual relata suas impressões e informações sobre a situação dos terrenos, agricultura e outros dados da Colônia bem como sobre orientações ao Culturverein. Julho/1985. Scharf-ecke (Ponta Aguda). Tradução de Edith Sophia Eimer. JUL/1985. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. ASS.3.04 **(grifos meus)** [↑](#footnote-ref-10)
11. Culturverein: Dados e informações fornecidas pelo Dr. Blumenau intitulado “PONTA AGUDA” na qual relata suas impressões e informações sobre a situação dos terrenos, agricultura e outros dados da Colônia bem como sobre orientações ao Culturverein. Julho/1985. Scharf-ecke (Ponta Aguda). Tradução de Edith Sophia Eimer. JUL/1985. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. ASS.3.04 **(grifos meus)** [↑](#footnote-ref-11)
12. SANTOS, Lucy Woellner dos. **Estação Agronômica do Estado (1895-1920): Uma Abordagem histórica sobre o inicio da pesquisa agrícola em Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1998. p. 120. [↑](#footnote-ref-12)
13. ROSSI, Giovanni. Agricultura. Síntese e tradução Pe Victor Vicenzi. **Blumenau em Cadernos**. Tomo XVII. n° 11-12, 1977. p. 355. [↑](#footnote-ref-13)
14. Relatório apresentado ao Congresso Representativo de Santa Catharina pelo Governador Dr. Felippe Shmidt, em 11 de Agosto de 1900. Rio de Janeiro, 1900. p.17/18. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/971/> acessado em 23/12/2010. [↑](#footnote-ref-14)
15. Relatório apresentado ao Congresso Representativo de Santa Catarina pelo Governador Dr. Felippe Shmidt, em 22 de Julho de 1901. Rio de Janeiro, 1901. p.17/18. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/971/> acessado em 23/12/2010. [↑](#footnote-ref-15)
16. Mensagem enviada ao Congresso Representativo do Estado de Santa Catarina. Vice-Governador Coronel Vidal José de Oliveira Ramos Junior. 24 de Julho de 1904. p.32 e 33. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/959/> acessado em 23/12/2010 [↑](#footnote-ref-16)
17. Mensagem enviada ao Congresso Representativo do Estado de Santa Catarina. Vice-Governador Coronel Vidal José de Oliveira Ramos Junior. 30 de Julho de 1905. p25. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/959/> acessado em 23/12/2010 [↑](#footnote-ref-17)
18. Mensagem enviada ao Congresso Representativo do Estado de Santa Catarina. Governador Coronel Vidal José de Oliveira Ramos Junior. 23 de Julho de 1912. p.52. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/959/> acessado em 23/12/2010. [↑](#footnote-ref-18)
19. Mensagem enviada ao Congresso Representativo do Estado de Santa Catarina. Governador Coronel Vidal José de Oliveira Ramos Junior. 23 de Julho de 1912. p.53. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/959/> acessado em 23/12/2010 [↑](#footnote-ref-19)
20. Mensagem enviada ao Congresso Representativo do Estado de Santa Catarina. Governador Coronel Vidal José de Oliveira Ramos Junior. 23 de Julho de 1912. p.52/53. Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/959/> acessado em 23/12/2010 [↑](#footnote-ref-20)
21. [↑](#footnote-ref-21)
22. Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1908, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. p. 19-20. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. [↑](#footnote-ref-22)
23. Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1911, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. [↑](#footnote-ref-23)
24. Apesar de não aparecer este nome, os registros oficiais mencionavam nos casos desta epizzotia apenas animais de *casco bipartido*, como bovino e suínos. [↑](#footnote-ref-24)
25. Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o exercício de 1916, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. [↑](#footnote-ref-25)
26. OLINGER, Glauco. **O desenvolvimento agrícola**. In: *A realidade Catarinense no Século XX*. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2001. p. 271. [↑](#footnote-ref-26)
27. Cabe ainda destacar que a assistência aos agricultores através de palestras ou trocas de experiências também foi realizada com apoio de instituições reliogiosas como no caso do Pastor Paul Aldinger em Hansa Hammonia (Ibirama) no início do século XX. [↑](#footnote-ref-27)